

UM POETA PURO: O MAR COMO TRABALHADOR IDEAL EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Arthur Grupillo

Universidade Federal de Sergipe

Avenida Marechal Rondon, S/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000, Brasil

(55) 79 2105-6600 | aegrupillo@gmail.com

Resumo: Este artigo encerra uma pequena investigação sobre o conteúdo filosófico da poesia de João Cabral de Melo Neto, a cuja leitura me dedico há pouco mais de dez anos.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto, Filosofia, Poesia.

Abstract: This paper contains a small research on the philosophical content of the poetry of João Cabral de Melo Neto, whose reading I devote myself to just over ten years.

Keywords: João Cabral de Melo Neto, Philosophy, Poetry.

Este artigo encerra uma pequena investigação sobre o conteúdo filosófico da poesia de João Cabral de Melo Neto, a cuja leitura me dedico há pouco mais de dez anos, mas só recentemente tive oportunidade e coragem de interpretar com olhar distanciado. Fi-lo por ocasião do primeiro dos três encontros que compuseram o Congresso Internacional “Errâncias de um imaginário: para uma história do pensamento e culturas de língua portuguesa”, ocorrido em março de 2014 na Universidade Federal de Sergipe. Desde então, procuro dar forma ao pensamento que se inscreve deliberadamente nos versos do poeta pernambucano, se bem que obedecendo, rigorosamente, à linguagem concreta e ao fraseado construtivista da poesia, e de sua poesia em particular, e não ao vocabulário conceitual e à sintaxe sistemática da prosa filosófica. Quanto às premissas desta leitura, apropriação ou “tradução”, e contudo sua fecundidade filosófica, o esclareci nos dois textos que a este antedecem e que com ele dão cabo, numa intervenção tríplice, do projeto inicialmente concebido.

Repito que o pensamento de Cabral, segundo minha intuição mais íntima, pode ser articulado e explicitado a partir de três pressupostos básicos que compõem: uma ontologia, uma ética e uma mística. O conceito do “espresso” assinala o materialismo pós-metafísico exemplificado na figura do rio, em diversos poemas mas, sobretudo, em *O Cão sem Plumaz*.¹ Uma noção dupla de rigor captura a atitude poética de Cabral em relação à poesia e ao mundo, formal e semanticamente, o que configura sua ética implacável do trabalho, ética esta dividida em dois motivos. O primeiro, de inspiração pictórica, diz respeito ao conceito renascentista de “pesquisa” e descoberta de soluções formais. O segundo, de profundo sabor existencial, decidido a jamais confessar-se diretamente, mas somente através das coisas, da palavra concreta e do rigor formal, porém não formalista, diz que “cada pessoa devia encontrar a sua forma rígida para sua maneira de ser e segui-la.”² Tal fundamento existencial aponta, finalmente, para uma mística laboral, não contemplativa, exemplificada na figura do mar, que passo a expor. Com isto dou por terminada a tentativa de

¹ Cf. Grupillo, A. “O real é espesso: o materialismo pós-metafísico de João Cabral de Melo Neto”. In: *Im(possíveis) Trans(posições): Ensaio sobre Filosofia, Literatura e Cinema*. Sintra: Zéfiro, 2014, pp.12-20.

² Esta segunda parte, intitulada “Ética e mística do trabalho em João Cabral de Melo Neto”, foi apresentada ao *Congresso Português de Filosofia* realizado na Fundação Gulbenkian e na Universidade Nova de Lisboa, no dia 06 de setembro de 2014, e deve ser publicada brevemente.

interpretar filosoficamente a poesia de Cabral que talvez tivesse a intenção secreta de admirar e jamais formular.³

I

O mar constitui um fundamento inegável e iniludível do imaginário das culturas de língua portuguesa. Sua presença na literatura, na música, no cinema, além, é claro, da economia e da sociologia destes países, fazem do mar mesmo um fator não unicamente da paisagem, mas da própria identidade nacional. Não obstante, este aspecto é naturalmente relacionado às visões do paraíso, da abertura para o infinito, para o transcendente na confluência dos azuis marinho e celeste. O homem de língua portuguesa é um pouco anfíbio e voltado para o distante. Vale ressaltar os diferentes matizes em que essas visões ganham concretude. Por exemplo, o mar português é sobretudo poente, enquanto o brasileiro é praticamente todo nascente. Isto poderia significar, o que teria de ser demonstrado, que o mar significa para os portugueses algo para onde se vai, para onde se leva, e algo a ser desafiado, enquanto que, para os brasileiros, o mar teria o sentido da expectativa, do que chega e do que pode a maré, a cada novo dia, trazer e surpreender.

Inclusive, a disposição para as conquistas marítimas fez dos portugueses, de acordo com um clássico da literatura sociológica brasileira, de inspiração weberiana, “não somente os portadores efetivos como os portadores naturais dessa missão”.⁴ Quando da ocupação dos territórios, além disso, mostra-se aqui grande discrepância em relação à colonização da América espanhola, o que depõe contra as inúmeras tentativas de pensar a identidade “ibérica” como um todo difuso. “Para esses homens, o mar certamente não existia, salvo como obstáculo a vencer. Nem existiam as terras do litoral, a não ser como acesso para o interior e para as *tierras templadas* ou *frias*. No território da América Central, os centros mais progressivos e mais densamente povoados situam-se perto do oceano, é certo, mas do oceano Pacífico, não do Atlântico, estrada natural da conquista e do comércio. Atraídos pela maior amenidade do clima

³ Fora deste projeto mais ou menos integral, escrevi a quatro mãos com o Prof. Dr. Cicero Bezerra o texto “Representações do arcaico: João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector”, sobre os construtos literários que os dois autores, cada um a seu modo, dedicam ao “ovo”.

⁴ Holanda, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 26ª edição, p.43.

nos altiplanos das proximidades da costa ocidental, foi neles que fizeram os castelhanos seus primeiros estabelecimentos. E ainda em nossos dias é motivo de surpresa para historiadores e geógrafos o fato de os descendentes de antigos colonos não terem realizado nenhuma tentativa séria para ocupar o litoral do mar das Antilhas entre o Yucatán e o Panamá.”⁵

É nesse contexto que Sérgio Buarque de Holanda baseia também sua distinção notável entre os tipos ideais do “aventureiro” e do “trabalhador”. Enquanto o aventureiro “ignora as fronteiras”, vendo o mundo em sua generosa amplitude, naturalmente pelas lentes do mar, pois “vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes”, para o trabalhador, ao contrário, “o esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. (...) Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura.”⁶ Assim, o mar é imediatamente associado à aventura, e distinguido do trabalho fincado na terra firme e na lavoura. Pois bem. Precisamente tal imagem do mar é que sofre uma completa reviravolta na poesia de João Cabral.

II

Já no seu poema de juventude *Os Três Mal-amados*, pode-se demarcar claramente a diferença que tem o mar para os personagens Raimundo e João. O primeiro, metódico em seu amor, compara sua amada à praia, porém à praia de sua rotina amorosa:

Maria era a praia que eu frequentava certas manhãs. Meus gestos indispensáveis que se cumpriam a um ar tão absolutamente livre que ele mesmo determina seus limites, meus gestos simplificados diante de extensões de que uma luz geral aboliu todos os segredos. (...) Maria era sempre uma praia, lugar onde me sinto exato e nítido como uma pedra – meu particular, minha fuga, meu excesso imediatamente evaporados. Maria era o mar dessa praia, sem mistério e sem profundidade. Elementar, como as coisas que podem ser mudadas em vapor ou poeira.⁷

⁵ Ibid., p.104.

⁶ Ibid., p.44.

⁷ Melo Neto, João Cabral de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p.35 (Doravante “PC” para Poesia Completa).

João, que sofre o distanciamento de sua amada, “como uma antepassada que tivesse vivido em outro século, (...) um vulto em outro continente”, tem, portanto, precisamente aquela visão platônica, idealizada e idílica do mar:

Ainda me parece sentir o mar do sonho que inundou meu quarto. Ainda sinto a onda chegando à minha cama. Ainda me volta o espanto de despertar entre móveis e paredes que eu não compreendia pudessem estar enxutos. E sem nenhum sinal dessa água que o sol secou mas de cujo contato ainda me sinto friorento e meio úmido (penso agora que seria mais justo, do mar do sonho, dizer que o sol o afugentou, porque os sonhos são como as aves não apenas porque crescem e vivem no ar).⁸

Enquanto para João o mar é repleto de segredos e mistérios, elemento de devaneio que marca ainda a vida desperta, para Raimundo o que fica do mar são os seus gestos, sua presença que o permite situar-se com precisão absoluta, como uma pedra. Seus elementos misteriosos evaporam para dar lugar a um espaço não menos infinito ou livre, mas que é “tão absolutamente livre que ele mesmo determina seus limites.” Ora, sabemos que o impulso de Raimundo, isto é, o impulso para a poesia realista e materialista, embora não no sentido metafísico vulgar, mas no de um materialismo que procura desvendar a “face oculta do inerte”, vai logo impor-se, como motivo fundamental da poética cabralina, sobre o impulso surrealista inicial das obras de juventude. O mar terá de ser, conseqüentemente, para um Cabral mais identificado com Raimundo que com João, certamente muito mais uma coisa elementar, nítida e exata, do que um sonho de mistério e segredo, voltado para horizontes desconhecidos.

Em *O Cão sem Plumas*, mesmo considerado ainda um poema de transição, o impulso realista impera. Na verdade, temos reiterado, desde o primeiro trabalho sobre o “materialismo pós-metafísico” de Cabral, que o sonho, nem mesmo em seus primeiros trabalhos, é matéria de que o poema se alimenta, mas apenas um “exercício” que o poeta pode praticar, no sentido esportivo, a fim de aguçar a capacidade de enxergar a face oculta do inerte, sendo, portanto, o inerte, a matéria, o real espesso, morto-vivo, o que interessa afinal de contas ao poeta, desde sempre. Em contraposição ao rio Capibaribe, que encarna este inerte espesso, sujo de lodo e ferrugem, de lama e mucosa, como um cão vivo

⁸ *Os Três Mal-amados*, PC, p.37.

“debaixo dos lençóis, debaixo da camisa, da pele”, e assim mais vivo porque quase morto, é que se constitui o mar, limpo e estendido sobre o rio (sobre o cão).

No extremo do rio
o mar se estendia,
como camisa ou lençol,
sobre seus esqueletos
de areia lavada.
(Como o rio era um cachorro,
o mar podia ser uma bandeira
azul e branca
desdobrada
no extremo do curso
– ou do mastro – do rio.⁹

Espessos são, na ontologia cabralina, o vivo morto-vivo, a lama, a mucosa, a flora negra, o cão sem plumas, o rio, o homem do rio, o sujo. Por isso, em contraposição a este “real” espesso deve situar-se aquilo que seja capaz de aparar arestas (dentes), ou o capaz de lavar-se (sabão). Num primeiro momento, o poeta com sua ética implacável da forma e da semântica exatas. E, como um ideal, o mar, “como um poeta puro” ou

Uma bandeira
que tivesse dentes:
que o mar está sempre
com seus dentes e seu sabão
roendo suas praias.
Uma bandeira
que tivesse dentes:
como um poeta puro
polindo esqueletos,
como um roedor puro,
um polícia puro
elaborando esqueletos,
o mar,
com afã,

⁹ *O Cão sem Plumás*, PC, p.87.

está sempre outra vez lavando
seu puro esqueleto de areia.
O mar e seu incenso,
o mar e seus ácidos,
o mar e a boca de seus ácidos,
o mar e seu estômago
que come e se come,
o mar e sua carne
vidrada, de estátua,
seu silêncio, alcançado
à custa de sempre dizer
a mesma coisa,
o mar e seu tão puro
professor de geometria.)¹⁰

Aqui entrevemos a ética, já trabalhada na segunda parte desta suspeitada interpretação filosófica de Cabral, e apresenta-se, por fim, uma mística laboral, que exponho como uma visão bastante inusitada do mar, no contexto do imaginário de língua portuguesa. Ele constitui antes um ideal de limpeza, pureza e exatidão geométricas, em contraposição ao sujo, impuro e o espesso da paisagem e do real, no qual se encontram inseridos, mas também contrapostos, o homem e o poeta. Encontramos assim uma filosofia de três níveis. O real espesso, o homem espesso e poeta, o poeta puro. O rio, o homem e o mar.

O fato de esta ética poder se converter numa mística do trabalho que se opõe à ideia de uma mística meramente contemplativa, reside exatamente na reiteração incessante do ato de lavar e lavar-se. Pode estranhar aqui a sugestão de uma mística entretanto associada a uma concepção do real materialista e pós-metafísica. Pois é precisamente neste aparente paradoxo que se encontra a consistência da visão de mundo cabralina. Não há uma fuga do real. Tampouco há um abandono puro e simples de todo desejo ou de toda ideia de transformação da matéria pelo trabalho, do real espesso pelo aparo de arestas. Mas não há a mínima ilusão de que este trabalho encontre descanso num fim bem determinado. É por isso um materialismo pós-metafísico. Sua única

¹⁰ *O Cão sem Plumas*, PC, p.87-8

determinação e motivação é o próprio trabalho em si, o trabalho como fim em si mesmo, como afirma o artista inconfessável:

Fazer o que seja é inútil.

Não fazer nada é inútil.

Mas entre fazer e não fazer

mais vale o inútil do fazer.¹¹

Este é um paradoxo digno da mais ortodoxa ética cristã, de que dificilmente Cabral tivesse inteira consciência. O silêncio, meta de toda mística, é aqui alcançado não por si, mas “à custa de sempre dizer a mesma coisa”. É o gesto repetitivo, rotineiro, como o amor de Raimundo por Maria, que o torna exato e o situa, como o mar torna exatas as pedras, aparando diariamente suas arestas. Eis, não a consumação, mas o *acabamento* “meio religioso”, por exemplo, da forma que apresenta o ovo de galinha, que a mão acaricia, admira, emula, mas não pode fabricar. Que parece estar acabado, mas encontra-se inteiramente no começo. Assim como o ovo, são as pedras da praia:

O ovo revela o acabamento

a toda mão que o acaricia,

daquelas coisas torneadas

num trabalho de toda a vida.

E que se encontra também noutras

que entretanto mão não fabrica:

nos corais, nos seixos rolados

e em tantas coisas esculpidas,

cujas formas simples são obra

de mil inacabáveis lixas

usadas por mãos escultoras

escondidas na água, na brisa.

No entretanto, o ovo, e apesar

de pura forma concluída,

não se situa no final:

está no ponto de partida.¹²

Estas mil inacabáveis lixas, estas mãos escultoras escondidas, que dão forma aos corais, aos seixos, são elas que o poeta emula. O mar, poeta puro e

¹¹ “O Artista Inconfessável”, de *Museu de Tudo*, PC, p.358

¹² “O Ovo de Galinha”, de *Serial*, PC, p.278-9

trabalhador ideal. E que, ao repetir incansavelmente seus gestos, produz o que o homem não produz, e à custa de sempre dizer a mesma coisa, alcança o silêncio.